



ALVARO COSTA E SILVA & MÀNYA MILLEN

## **“A internet será o espaço natural de divulgação dos livros”**

As faculdades de Letras congregam uma grande quantidade de pesquisadores dedicados à literatura, cujas descobertas são veiculadas principalmente em monografias, dissertações e teses. A esses gêneros se somam os artigos publicados em coletâneas e revistas especializadas, igualmente dirigidas a leitores da área. Agora, que a desapareição de quase todos os suplementos literários criou um grande vazio, quem sabe o meio acadêmico se sinta estimulado a buscar o diálogo com um público mais amplo?

A dúvida decorre da dificuldade de colocar em palavras simples o resultado de investigações obrigatoriamente profundas, mas também da distância histórica em relação aos procedimentos editoriais. A esperança advém da frequência com que o assunto tem aparecido em aulas e eventos. Animados com as facilidades de edição e circulação oferecidas pela internet, estudantes e professores demonstram um interesse crescente pela publicação virtual – que, de resto, desfruta de importância curricular semelhante à de material impresso.

Para discutir estas e outras questões, convidamos ao Fundão dois jornalistas que ao longo das últimas décadas desempenharam um papel muito relevante no esforço de difusão da crítica literária: Alvaro Costa e Silva & MÀNYA MilLEN. Ambos iniciaram a carreira em 1988 e, depois de uma longa atuação em diferentes seções das publicações pelas quais passaram, assumiram a edição de dois suplementos literários de peso, nos quais tiveram uma atuação das mais marcantes.

Alvaro passou a capitanear o *Ideias* num momento em que o *Jornal do Brasil* enfrentava sérias dificuldades financeiras. Em vez de desanimar, o novo editor aproveitou a carência de recursos para levar ainda mais longe a liberdade de escolha das obras a serem enfocadas. Graças a essa abertura, assim como à paixão com que trata de livro e à delicadeza com que lida com gente, conseguiu manter a chama de uma vasta gama de colaboradores que, voluntários ou não, garantiram o nível do material publicado.

Mànya chegou ao *Globo* no final da década de oitenta e, depois de passar por várias editorias, assumiu o *Prosa & Verso*, que dirigiu de 2004 a 2015. Durante esses onze anos, firmou uma imagem de profissional competente e democrática. Um de seus admiradores é o crítico José Castello, que, em entrevista também publicada nesta revista, a chamou de “mulher brilhante, corajosa e extremamente especial”, para acrescentar que ela “sabe escutar, dialogar, trocar ideias com as pessoas com as quais trabalha”.

A seguir, encontra-se a síntese das respostas que Alvaro e Mànya deram a estudantes e professores durante a entrevista pública realizada na Faculdade de Letras, com a mediação de **Dau Bastos**. Os dois disseram da angústia diante da exiguidade do espaço reservado às análises de livros nos suplementos literários dos periódicos. Também confessaram o temor de, em meio aos muitos livros que chegavam semanalmente à redação, deixar de lado algum título merecedor de apreço ou não perceber de imediato o talento de determinado autor.

No tocante à relação da universidade com a mídia, apontaram certas diferenças entre os textos acadêmico e jornalístico, ao mesmo tempo que disseram do significado da contribuição dos pesquisadores para os grandes meios de comunicação. Nesse senti-

do, deram dicas valiosas sobre a escrita desse gênero fundamental chamado resenha.

Vários outros temas entraram em pauta, para serem abordados com a mesma combinação de honestidade e gentileza. Assim, o papo foi não somente esclarecedor como bastante inspirador – conforme o leitor poderá comprovar a seguir.

**Dau** – *O caminho percorrido pelos livros de ficção e poesia inclui duas instâncias de avaliação e chancela que ora se aproximam, ora se afastam: a mídia e a universidade. Como é que vocês, que têm larga experiência como editores de suplemento literário, veem a academia?*

**Alvaro** – Minha visão da academia é ótima, tanto que aceitei o convite para vir. Acho que você fez essa pergunta para chamar a atenção para a diferença entre o que se fala de literatura aqui e nos jornais. No passado, houve um momento em que a academia se afastou um pouco dos jornais e buscou se expressar em outras mídias, como as revistas literárias, onde pôde dispor de mais espaço. E, de fato, um dos grandes problemas dos suplementos literários sempre foi a exiguidade do espaço. A academia também achava a chamada “crítica de rodapé” muito impressionista, baseada no binômio “gostou, não gostou”. Por outro lado, surgiram comentários de que os acadêmicos escreviam muito difícil para o público de jornal, o que não chega a ser verdade. Talvez alguns críticos da universidade realmente encontrem alguma dificuldade em escrever para veículos de massa; mas outros, não. Basta pensar que os suplementos sempre receberam muita colaboração de dentro da academia. Acho essa relação muito saudável.

**Mànya** – Concordo totalmente com o Alvaro. Os suplementos sempre procuraram nomes da academia para falar sobre livros. É que, escrita por alguém da universidade, a resenha pode ganhar peso e uma outra dimensão. Só que quando você pede uma apreciação de um livro em 4.500, 5.000 caracteres – que já é uma resenha grande –, acontece de ouvir a pessoa dizer: “Olha, não vou conseguir analisar satisfatoriamente esse livro em um texto tão curto”. A gente compreende, pois na academia se trabalha com horizontes mais largos,

com a apreciação de uma obra inteira, não de um único livro. Então, de fato, o problema principal é o espaço.

O desafio é justamente encontrar um equilíbrio entre as características de quem escreve, o espaço e, claro, o leitor do jornal. Não existe essa história de que o acadêmico escreve rebuscado. A limitação é o espaço. Os críticos universitários sentem mais dificuldade em escrever menos, mas muitos não somente escrevem super bem como são mais claros do que quem está fora da academia. De fato, houve um tempo em que a academia tinha um certo pé atrás em relação à imprensa, por achar que fazíamos uma crítica mais rasa. Aos poucos, porém, levou em conta que a resenha analisa um livro específico, não a obra inteira de um escritor. Hoje, é muito claro para a academia e a imprensa que temos de ficar juntos, senão não conseguimos ir adiante.

**Dau** – *Os cursos de Letras têm sentido cada vez mais necessidade de criar periódicos que facilitem a circulação do resultado das pesquisas empreendidas por estudantes e professores. Nesse sentido, vêm discutindo os mecanismos editoriais, os diferentes perfis de publicação e os vários tipos de texto. Aproveitando a presença de vocês entre nós, pediria que falassem um pouco sobre o suplemento literário e o gênero resenha.*

**Mânia** – O suplemento literário não precisa se fazer de textos superficiais, nem banalizar o livro, mas seu público é muito mais amplo do que o de uma revista acadêmica, por exemplo. O jornal tem leitores para todo tipo de livro, para todo tipo de autor, gente que gosta de não-ficção, gente que gosta de história... O desejo de quem edita e também de quem escreve é que o caderno dedicado a livros seja lido pelo maior número possível de pessoas.

Então a gente pede uma coisa óbvia: que o resenhista fale do livro, mas sem se limitar a analisá-lo. Que faça a análise, claro, mas procure também contextualizar o autor e o livro, buscando comparar o título específico com algum outro do próprio autor ou alheio. Às vezes, o resenhista vê um elo entre um autor e outro, ou entre uma obra e outra, desenvolve essa ligação e a resenha fica muito legal. Agora, é fundamental escrever com clareza, senão a resenha vai precisar de nota de rodapé, o que não é possível. Finalmente, é muito importante descobrir algo novo sobre o livro e desenvolver uma ideia particular. Essa é mais ou menos a resenha que desejamos, independentemente de ser produzida na academia ou fora.

**Alvaro** – Acho essas suas dicas ótimas, tanto para uma pessoa que está se formando quanto para quem já seja formado e queira colaborar. Eu acrescentaria apenas a importância de a gente confiar no tato das pessoas. Sabe por quê? Porque minha formação foi daquilo que antigamente se chamava “jornalista de banca”. Passei por jornal de bairro, por geral, fiz sete anos de futebol, cobrindo Maracanã, treino, aquelas coisas todas, então, por contingência da profissão, fui fluindo para escrever sobre livros e tal, até que comecei a editar o caderno *Ideias*. Como vejo o leitor de suplemento como mais exigente e sofisticado, até gosto quando aparece uma resenha mais teórica, que agregue algo que não tenho. Agora, uma coisa que não entendo é o cara fazer a resenha em primeira pessoa e se danar a falar de si. Texto para jornal é mais direto. Quando você tem uma coluna, tudo bem, agora, em resenha normal, é preciso buscar um pouco mais de objetividade.

**Dau** – *O Brasil tem mais de duzentos milhões de habitantes e, por mais que ainda haja um percentual razoável de compatriotas analfabetos,*

*nunca se escreveu tanto. Assim se explica que a cada mês chegue uma verdadeira avalanche de originais às editoras. Os jornais também recebem uma grande quantidade de livros nacionais, aos quais se somam os estrangeiros. Pediria que falassem um pouco sobre o processo de escolha das obras merecedoras de aparecer no suplemento.*

**Alvaro** – No *Jornal do Brasil*, fechávamos o suplemento na quinta-feira e, no dia seguinte, já começávamos a pensar a nova edição. Nesse momento, você olha para a mesa e vê que, como se faz muito livro no país, só aqueles que chegaram naquela semana já formam uma pilha. Como estava produzindo a edição anterior, você não teve tempo de dar uma olhada calma nos títulos recêm-chegados, então sofre tremendamente. Eu levava livro para casa e, às vezes, lia até cair de sono. Porque você fica com muito medo de deixar passar alguma coisa, de cometer a injustiça de não falar de um livro sobre o qual você tem que falar. Essa é uma preocupação constante.

Agora, claro, há autores que se impõem. Ao aparecer livro deles, temos de tratar bem. Mas acho interessante não ficar muito preso à moda e nem se submeter a eventuais ingerências das editoras. Antigamente, por exemplo, havia uma prática nefasta: os editores lhe mandavam um livro do qual haviam decidido fazer uma divulgação maciça e ofereciam desde uma entrevista com o autor até uma resenha escrita por algum doutor importante. Mas exigiam que o material fosse publicado em uma edição determinada. Assim, você não tinha liberdade de escolha, o que, no final das contas, era muito empobrecedor. Na época em que fazia o *Ideias*, eu comprava a edição de sábado de vários jornais e, algumas vezes, via o mesmo autor na capa de todos os suplementos.

Com o tempo, os editores se mancaram e começaram a não querer seguir essa cartilha, de modo que a coisa ficou mais flexível. Mesmo assim, têm suas apostas. No final do ano ou em época de bienal e outros eventos ligados a livro, alguns editores tentam te empurrar alguns autores. Se são bons, ótimo. O problema é quando são ruins. Enfim, selecionados os títulos a serem abordados na semana, pensamos a linha da edição: escolhemos o livro que será capa e decidimos se haverá entrevista com o autor, resenha ou matéria. Às vezes, está saindo outro livro da mesma vertente, então decidimos juntar os dois.

Sobre as resenhas, às vezes percebemos que um livro tem tudo a ver com alguém, mas falta dinheiro para pagar, então ficamos constrangidos de contatar a pessoa. Pensamos em outro nome, mas tememos que não queira fazer ou não faça direito. Já aquele terceiro possível resenhista é amigo do autor, então também não pode. É muito complicado.

**Mànya** – Qualquer pessoa que visite ou veja uma foto da área reservada ao suplemento de um grande jornal percebe que os livros não estão somente sobre a mesa, mas também no chão, no armário atrás, em todo lugar. Por isso, quando converso com autores e editores, frequentemente falo da angústia que sentia quando editava o *Prosa & Verso*. Realmente é muito livro.

A angústia não era causada pelos livros de autores que sabíamos que íamos noticiar, e sim pelas obras do pessoal de quem a gente nunca tinha ouvido falar. Fazíamos o possível para evitar que o autor desconhecido, mas bom, morresse embaixo daquela pilha gigantesca. Daí a importância de contarmos com uma rede de colaboradores. Os próprios resenhistas fazem alertas: “Olha, vamos prestar aten-



ção nesse autor, que é bom”. As editoras também podem ser bem parceiras. Óbvio, às vezes tentam empurrar um ou outro autor, mas também chamam a atenção para nomes que ainda não conhecemos. Agora, injustiças ocorrem: embaixo de nossa pilha de livros, ficaram vários autores legais. Também aconteceu de deixarmos passar o primeiro livro de um autor, mas depois recebermos uma dica de um colaborador ou da editora e conseguirmos resgatá-lo, para dar visibilidade a seu trabalho. Mas é difícil, pois não para de chegar livro na redação.

A alternativa é desaguar muita coisa na internet. Só que aí surge outro problema: apesar de todo mundo viver a era da internet, muita gente pensa assim: “Poxa, se a resenha não está no papel, meu livro não aparece”. Mas não tem jeito: os jornais vão ter cada vez menos páginas. Precisamos entender que a internet será o espaço natural de divulgação dos livros. A entrevista, matéria ou resenha colocada na rede pode, além disso, ser retuitada, portanto circular bem mais que o jornal impresso. A gente sabe que a alguns lugares não chega jornal nem livro, mas chega internet.

O caminho na direção da internet é natural. Sou meio jurássica, gosto de papel. Não consigo ler livro em Kindle, por exemplo. Se alguém me manda uma prova, um capítulo para eu ler no computador, imprimo e leio no papel. Agora, sei que a virtualização é inevitável.

A *Megazine*, por exemplo, deixou de ser publicada em papel e passou a circular apenas na internet. O pessoal da revista faz matéria sobre vestibular, educação, comportamento e outros temas do interesse do pessoal mais jovem. Uma pesquisa demonstrou que esses leitores iam direto para a internet. Mesmo o jornal é lido, pelos mais jovens, na internet. O assinante da versão impressa do jornal costuma ter mais idade e está se reduzindo. Já a moçada prefere claramente bus-

car informação, cultura, lazer e vários outros tipos de informação por meio de aparelhos. Com o smartfone, por exemplo, é possível acompanhar as notícias em qualquer lugar, com toda a praticidade e sem necessidade de usar esse produto cada vez mais escasso chamado papel. Hoje em dia, o leitor se encontra na internet.

**Dau** – *Como sabem, Machado de Assis atuou em diferentes jornais, como contista, cronista, poeta e revisor. Mais que isso, estreou com apenas quinze anos, ao publicar um poema no Periódico dos Pobres. Essa forte relação com a mídia me faz pensar que, se fosse adolescente hoje, o criador de Capitu certamente atuaria intensamente nas redes sociais. Talvez estivesse até mesmo à frente de um desses jornais virtuais dedicados à poesia e à ficção, cujos participantes aproveitam a facilidade de colocar o material no ar e desfrutam de muita liberdade. Como é que vocês, que participaram de projetos editoriais de porte, veem essa verdadeira profusão de blogs voltados para a literatura?*

**Alvaro** – Gosto muito de blogs, tanto que acompanho vários, uns lá em Portugal, outros na Argentina, muitos aqui. Mas, quando se trata de resenhas, desconfio um pouco desse leitor de internet. Ele fica borboleteando muito, não sei se tem muita concentração para ler algo mais denso sobre livro.

**Mànya** – Tem crescido bastante o número de blogs de resenhas elaboradas por gente nova. O blog se cadastra nas editoras e passa a receber livros para resenhar. Ou seja, as pessoas estão indo por conta própria.

Várias editoras também usam o próprio site para criar um canal direto com o leitor. Assim, conseguem divulgar mesmo aqueles livros

que jamais serão falados ou resenhados. Como o público é muito segmentado, você se dirige diretamente aos interessados naquele gênero específico: quadrinhos, fantasia, poesia...

**Marcos Torres (UFBA)** – *Vocês não acham que a intensa circulação de entrevistas, matérias, convites para lançamentos, resenhas e outros materiais sobre livros nas redes sociais cria uma espécie de concorrência entre internet e grande jornal que leva à pulverização?*

**Mânia** – Sim, já está pulverizado. O jornal como um todo foi um pouco esvaziado pela internet. As pessoas estão deixando de ler jornal impresso. Tem muita gente escrevendo em blogs e redes sociais, as editoras vêm usando bastante a internet, e tudo isso é ótimo, pois há multiplicidade de opinião e os livros ganham uma visibilidade que talvez não conseguissem se dependessem apenas do suplemento literário mantido no jornal impresso. Autores e leitores saem ganhando.

**Alvaro** – É isso aí. Eu só acrescentaria que o material veiculado na internet precisa ter a categoria que normalmente se buscava nos jornais impressos. Há muitos blogs, páginas de Facebook e grupos de discussão dedicados à literatura, mas, se você perde um certo tempo estudando o que veiculam, percebe que muita coisa ali não leva a lugar nenhum. Tem muito achismo, besteiro e tal. Evidentemente é bom que muita gente comente os livros, mas é importante a pessoa se qualificar, de modo a fazer análises mais profundas.

**Marcos Pasche (UFRRJ)** – *Às vezes, o espaço da reflexão intelectual assume feição de espaço do ataque pessoal, a opinião contundente vira*

*afronta. Como é que vocês, na condição de editores, lidam com esse tipo de situação?*

**Alvaro** – Se é um ataque pessoal, acho melhor o editor não publicar. Agora, é engraçado, mas, se você fizer um levantamento das críticas publicadas nos jornais, vai ver que, além de não terem ataque pessoal, muito raramente são negativas e, na verdade, costumam ser muito favoráveis. O compadrio é um problema com o qual os cadernos têm que lidar.

**Mànya** – Retomando o que o Alvaro falou, quando a gente vai passar um livro para resenha, busca quem pode escrever melhor sobre aquele autor, período, assunto e assim por diante. Se percebe que o resenhista cotado é inimigo do autor, descarta, para evitar que ele aproveite a oportunidade para destruir o desafeto. Mas amigo, também não. A gente não quer compadrio. Isso vai reduzindo o leque de opções que você tem.

**Alvaro** – Às vezes, um pouco de pimenta é bom para a discussão.

**Mànya** – Também acho. Mas tem pouca pimenta. Não é de hoje que se diz que a gente não tem mais polêmica, não tem mais debate, porque um fica com medo de falar mal do livro do outro e, ao lançar seu próprio livro, virar vidraça. É uma pena, porque uma crítica apontando equívocos pode ser útil para o próprio autor do livro resenhado. Às vezes, o resenhista dizia que tinha visto muita coisa ruim, portanto preferia nem fazer a resenha. Então eu perguntava se ele tinha certeza de que não queria escrever, até porque, se havia um equívoco de linguagem, construção ou outro, era importante que

o autor do livro – principalmente se fosse novo – percebesse onde estava o erro, o equívoco.

**Dau** – *Já se viram diante de algum autor chateado com o que se disse sobre o livro dele no suplemento editado por vocês?*

**Mânica** – Sim, se é difícil criticar, também é difícil aceitar crítica. Já dei resenha de autor jovem que não engoliu muito bem os comentários do resenhista e tentou criar problema. E olha que a crítica não foi nada deslegante, não teve ataque pessoal nem nada, focou o tempo todo no livro, na linguagem. Mas o autor entendeu que não, que era uma coisa quase pessoal.

Acho que esse é um dos motivos de atualmente haver bem menos polêmica e debate do que antigamente. No passado, tivemos polemistas históricos. Hoje, predomina um pouco a literatura do compadrio mesmo. “Vou falar bem de você agora para que, daqui a pouco, quando eu lançar meu novo livro, você faça o mesmo por mim”. Isso é muito chato e torna as coisas difíceis para nós.

**Alvaro** – É muito mais fácil você ter uma crítica negativa de um livro estrangeiro.

**Mânica** – Ah, sim, o autor estrangeiro não vem aqui dar pancada em ninguém.

**Italo Moriconi (UERJ)** – *Tem-se falado bastante na queda da ficção de qualidade. Vocês acham que é um fenômeno mundial?*

**Alvaro** – Sim.

**Italo** – *Se bem que as redes sociais talvez possibilitem uma certa recuperação do espaço perdido...*

**Mànya** – A ficção de fantasia veio tão forte que passou a ocupar inteiramente a lista dos títulos mais vendidos. Talvez seja só uma onda e, daqui a pouco, passe. Mas tenho minhas dúvidas se o quadro voltará a ser como era, ou seja, com a literatura de qualidade tendo alguma relevância comercial.